

Book Review

Fernanda HENRIQUES. *Martha Nussbaum: Uma filosofia comprometida com a cidade*, Lisboa, Sistema Solar, DOCUMENTA, 2022, 134 pgs.

Fernanda Henriques neste seu livro oferece-nos quatro ensaios sobre Martha Nussbaum, determinantes quer para conhecermos quer para aprofundarmos o pensamento desta filósofa. As referências bibliográficas apresentadas no final são um acréscimo utilíssimo para quem deseje familiarizar-se com o pensamento da autora, ajudando também a perceber as opções seguidas que orientaram toda a reflexão por ela desenvolvida sobre temas tão importantes como o compromisso, a situação das mulheres na filosofia, o combate aos estereótipos. Igualmente interessante é a relação entre filosofia e literatura, bem como a demarcação perante diferentes orientações feministas, nomeadamente no que concerne a Judith Butler. O anexo final onde se procede ao levantamento dos escritos de Nussbaum, bem como dos livros dos quais foi editora, é também um auxiliar para quem pretenda aprofundar as suas teses.

O subtítulo da obra—*Uma filosofia comprometida com a cidade*—está subjacente a todos os capítulos, recebendo um especial relevo na apresentação, onde é imediatamente destacado o compromisso da filósofa com a vida, bem como a sua escolha da “praça pública” como lugar determinante do filosofar. O leitor fica ciente da especificidade de cada capítulo, bem como das linhas de força presentes nos diferentes ensaios. De facto, embora cada um deles aborde uma temática própria, há temas recorrentes como a relação entre filosofia e literatura, a defesa das humanidades, a importância da educação e, como não poderia deixar de ser, o feminismo como ponto marcante do universo de Nussbaum.

Aproveitando-me da liberdade concedida a resenhas bibliográficas, permiti-me alterar a ordem dos capítulos, começando pelo quarto pois foi aquele que mais me interessou. Nele F. H. fornece uma chave de leitura que nos ajuda a entrar no seu universo. De facto, é um capítulo útil para quem se interessa pelas filosofias feministas pois apresenta uma posição muito própria, demarcando-se de outras possíveis orientações. É o capítulo mais longo e o que melhor nos faz conhecer a originalidade de Nussbaum no âmbito da multiplicidade de orientações feministas hoje vigentes. É também o capítulo em que mais me demarco de F. H. e das suas apreciações ao pensamento da autora relativamente às teses de Judith Butler. F. H. classifica tais teses de “deselegantes” acusando Nussbaum de diabolizar a figura de

Butler, o que no seu entender fragilizaria os posicionamentos feministas. Defendendo a necessidade de construir plataformas de diálogo entre as diferentes orientações existentes neste domínio, F. H. considera excessivas as críticas de Nussbaum a Butler, nas quais a primeira acusa a segunda de desvios obscurantistas, ausência de clareza, instrumentalização abusiva e ausência de compromisso. A obra *Gender Trouble* é desmontada nas suas diferentes teses, concluindo-se que a novidade de Butler assenta precisamente no seu obscurantismo.

F. H. censura Nussbaum pelo facto de quebrar a possibilidade de um diálogo real. Por isso considera que há uma diabolização excessiva (e indevida) das teses de Butler. E lembra-nos que ela própria justificou a sua obscuridade discursiva, defendendo que a clareza não é, em si mesma, um bem. Não posso deixar de aqui referir um preceito de José Ortega y Gasset que tenho tentado seguir ao longo da minha carreira académica, no qual nos é afirmado que a clareza é a cortesia do filósofo. Daí a minha simpatia para com Nussbaum, com quem partilho o distanciamento relativamente a Butler.

Note-se que apesar de considerar excessivas as críticas nussbaumianas a Butler, F. H. faz um esforço (conseguido) para tentar não só justificá-las, mas pelo menos percebê-las, remetendo para outras obras da autora como *Sex and Social Justice* e *Women and Development*. O que a leva a reconstituir o feminismo de Nussbaum, a falar da sua relação com as orientações liberais bem como da valorização da vida real das mulheres, algo que Butler ignora. EF.H. aproveita para reforçar o seu distanciamento, recorrendo a outros autores nos quais se revê, nomeadamente Anne Phillips, Amartya Sen e John Rawls.

O ensaio termina com a referência a uma tese grata a Nussbaum e defendida na sua obra *Women and Human Development: The Capabilities Approach*, lembrando o trabalho desenvolvido pela filósofa na Índia. Nele se denuncia a ausência de condições para que se desenvolvam as capacidades humanas, bem como o facto de as mulheres serem reduzidas a cidadãs de segunda. A listagem de dez capacidades essenciais para que uma vida possa ser considerada digna, bem como a necessidade imposta aos governos de diferentes países para que elas sejam cumpridas, é algo que F. H. elogia e subscreve. E na conclusão deste quarto texto reconhece a importância do enfoque nas capacidades, algo que é comum ao pensamento de Amartya Sen, considerando que serviram para humanizar a economia, colocando-a ao serviço dos indivíduos. A concluir e lembrando outras críticas a Nussbaum (Anabela di Tullio Aries, Anne Philips, Carol Quillen) F. H. reconhece a importância do seu feminismo mas não deixa no entanto de considerar que ele é susceptível de provocar anti-corpos, nomeadamente por se tornar excludente e paternalista (w-24). Este quarto texto de F. H. é uma leitura polémica e verdadeiramente filosófica dado que desafia os leitores a tomar posição, comprometendo-se. Li-o com muito agrado pois subscrevo as críticas de Nussbaum quanto à obscuridade das teses de Butler. E alegra-me constatar que nesta minha crítica estou bem acompanhada.

Os três primeiros ensaios deste livro são menos polémicos mas igualmente instrutivos. O primeiro, intitulado “Humanidades, democracia, justiça e igualdade”, mergulha-nos no tema da educação. Nele se analisam os problemas existentes

nas políticas educativas contemporâneas, nomeadamente o da desvalorização das humanidades. No dizer de Nussbaum estas são indispensáveis para “salvar uma vida democrática” (22). Por isso contrasta dois modelos—o economicista e o da educação para a cidadania. O primeiro é empobrecedor, favorece as elites e origina mentes submissas. O segundo promove a criatividade e a atitude filosófica, cultiva a imaginação narrativa e o auto-exame considerando estas opções essenciais para uma mentalidade cosmopolita. Nussbaum assenta o seu posicionamento em duas razões teóricas—a perspectiva antropológica e a intencionalidade prática da filosofia. E reforça-o recorrendo a Aristóteles, Kant e Marx, com o objectivo de devolver à filosofia a sua raiz de orientação de vida.

O segundo e o terceiro capítulos apresentam uma leitura conjunta de Nussbaum e de Paul Ricoeur, um filósofo a que Fernanda Henriques tem dado particular relevo. O capítulo 2 é explicitamente designado como “Filosofia e Literatura,” uma relação com “traços de conflitualidade e ambiguidade” (37). De facto, embora os seus diálogos tenham uma dimensão poética, Platão considerou a poesia inimiga da verdade e criticou a sedução das palavras, cuja beleza nos leva ao engano. Por isso, no livro X da *República*, expulsou os poetas da cidade.

Saltando para a contemporaneidade, Nussbaum releva três aspectos na relação entre filosofia e poesia. Em primeiro lugar a crítica à razão moderna “autárcica e excludente” e a valorização de uma racionalidade fraca, embora mais inclusiva. Dilthey aparece a exemplificar este posicionamento, com a separação entre dois tipos de metodologias—as científicas, ligadas à explicação, e as interpretativas, próprias das ciências do espírito, onde predomina a vertente hermenêutica. Nestas últimas Nussbaum destaca Heidegger e Gadamer, enfatizando a relação originária da linguagem poética com o real. Ricoeur aparece a estabelecer pontes entre a fenomenologia e a ontologia, dando valor ao uso literário da linguagem humana (43).

Para F. H. Nussbaum e Ricoeur são exemplos da fecundidade do diálogo entre filosofia e literatura. Por isso elege *Love’s Knowledge* para demonstrar a estreita relação entre forma e conteúdo de um texto, defendendo que não se pode usar qualquer estilo para expor qualquer conteúdo. De igual modo defende que o estilo literário é uma via de acesso privilegiado ao conhecimento moral, considerando que o ideal de cientificidade, defendido por certas orientações filosóficas, é uma traição ao ideal grego. O texto literário deve fazer-nos pensar, sendo uma ajuda para que nos posicionemos na vida. Nussbaum procura como se deve viver, não se alheando dos contextos e da diversidade cultural. É sua intenção articular razão e paixão, considerando-as essenciais para mostrar a vulnerabilidade humana. Para ela, a separação feita por muitos filósofos entre filosofia e literatura—particularmente visível em determinadas linhas do pensamento anglo-saxónico—constitui um empobrecimento.

As teses de Nussbaum são um pretexto (aliás justificado) para F. H. se debruçar sobre Ricoeur, defendendo a dialogicidade constitutiva da filosofia (54–59). Não deixa no entanto de realçar as diferenças entre os dois filósofos, considerando que Nussbaum tem um posicionamento que a leva a concluir: “talvez o que esteja em

jogo no uso literário da linguagem seja sempre a questão da liberdade [. . .] de expressar o ser da realidade na sua imensa complexidade (60).

A noção central do capítulo 3 é o reconhecimento e F. H. apresenta-o analisando duas obras de Nussbaum—*Women and Development: the Capabilities Approach* e *The Frontiers of Justice*. Ricoeur é revisitado a partir do seu livro *Parcours de la Reconnaissance*. De facto, tanto ele como Nussbaum partilham de um interesse comum—a temática das capacidades, para a qual a segunda também chama à pedra Amartya Sen. A filósofa americana parte da interrogação: “o que é que alguém é capaz de fazer, ou de ser?” (70) e a economia é abordada do ponto de vista da ética, em contraste com a perspectiva mais comum que é instrumental. Nussbaum e Sen defendem uma perspectiva semelhante quando sustentam que a economia deve ser social, promovendo a qualidade de vida. Mas divergindo de Sen, Nussbaum propõe dez capacidades inegociáveis que correspondem à estrutura do ser humano. Revisitando Aristóteles e Marx, considera o ser humano como essencialmente político e elege a justiça como ideal a alcançar. A vulnerabilidade e a liberdade são convocadas como constantes da condição humana. E Ricoeur é mais uma vez citado, na medida em que, para ele, “a liberdade individual é o objectivo primeiro da justiça” (77). Debruçando-se sobre a discriminação sentida pelas mulheres no acesso a um pleno florescimento, Nussbaum critica Rawls e as concepções de justiça assentes no contrato social. O enfoque nas capacidades surge como uma alternativa mais justa e igualitária. O que implica dar relevo à compaixão e à vulnerabilidade.

O reconhecimento é um percurso que se desenvolve a partir do reconhecimento de si mesmo, dos outros e dos estados da paz. Através de Ricoeur, Axel Honneth é convocado, mas em vez das experiências de luta procuram-se experiências de reconhecimento, valorizando-se o seu sentido apaziguador. A dignidade do ser humano exige que se procure o reconhecimento mútuo. Urge encontrar um plano de convivência humana onde tudo não seja mercantizável. A justiça poderá ser superada pelo amor (80) e a luta é insuficiente para descrever a perspectiva de Nussbaum, que inclui as pessoas com deficiência ao nível do contrato social. Voltando a Ricoeur, lembra que para ele o convívio humano deve obedecer à reivindicação de direitos, mas também deve abrir-se à troca de dons. A concluir este capítulo 3, F. H. afirma que, para Nussbaum, a justiça ética se baseia na capacitação humana de conseguir descentrar-se e de agir em termos de uma ordem de mutualidade, o que ultrapassa a justiça.

Apreciando globalmente este livro de F. H. consideramos que ele desempenha as funções esperadas para quem pretende iniciar-se num autor—neste caso numa autora—perceber as linhas de força do seu pensamento e, simultaneamente, depararmos com uma apreciação crítica (não destrutiva) do mesmo, que provoque em nós o desejo de ler as suas obras.

Luísa Ribeiro Ferreira
Universidade de Lisboa